

Extinguir os subsídios é “burrice”, diz Paulinelli

Da sucursal de
BRASÍLIA

Após quase quatro anos e meio de silêncio, o ex-ministro da Agricultura no governo passado, Alysson Paulinelli, convocou a imprensa ontem, para fazer violentas críticas à retirada dos subsídios ao crédito rural, argumentando que “encarecer o capital aplicado na agricultura num País que tem abundância de terra e mão-de-obra é uma burrice”. Na sua opinião, “a sociedade brasileira está sendo enganada com os argumentos de que a agricultura é responsável pela inflação, e o produtor rural acuado ao ser acusado de todos os males desta Nação”.

O ex-ministro Alysson Paulinelli lembrou que o Brasil ameaça cortar os subsídios à agricultura no exato momento em que os maiores produtores de alimentos, Estados Unidos e Comunidade Económica Européia, confessam que subsidiam “violentamente” seus produtores rurais. Paulinelli considera, também, que a agricultura brasileira é penalizada com o mais injusto dos tributos, o ICM, que em 1981 permitiu ao governo arrecadar US\$ 5,8 bilhões, incluindo 2,5% do Funrural. Considerando-se que os subsídios naquele ano — disse — foram de US\$ 3,3 bilhões, o governo teve um lucro líquido de US\$ 2,5 bilhões. A esse total deve-se acrescentar cerca de US\$ 1 bilhão, arrecadados com os confiscos do café e do cacau. Enfim, perguntou, a agricultura está com subsídios ou confiscos?

DESCAPITALIZAÇÃO

Para o ex-ministro Alysson Paulinelli, que resolveu falar porque “o momento exigia”, o agricultor brasileiro está completamente descapitalizado. Com dados na Fundação Getúlio Vargas, ele mostrou que a renda do agricultor caiu em mais de 50% comparativamente a 1977. Por isso, entende que o corte dos subsídios aumentará essa descapitalização. “É, por isso — afirmou — não sei se o agricultor terá condições de continuar produzindo”.

“A situação se agrava — acrescentou — pelo encarecimento dos custos dos insumos. Por exemplo, os fertilizantes, na região dos Cerrados, que custavam no ano passado de Cr\$ 65 mil a Cr\$ 75 mil por tonelada, para

pagamento em 31 de dezembro, estão custando hoje, de Cr\$ 190 mil a Cr\$ 200 mil a tonelada para pagamento em 30 de setembro. Peças de reposição de máquinas subiram até mil por cento. Os preços dos defensivos subiram violentamente. Tudo isso acaba refletindo-se no consumidor, porque o agricultor não tem condições de pagar”.

Na sua opinião, a queda dos subsídios deve encarecer o custo dos alimentos, porque até agora o agricultor retribuía à sociedade, que o subsidiava. Não fazendo a reposição de estoques, mesmo nos anos de maior incidência inflacionária. Essa prática só é possível, segundo Paulinelli, porque a agricultura se baseava no tripé terra abundante, mão-de-obra abundante e tranquilidade de obter, na próxima jornada de trabalho, o crédito subsidiado, que lhe compensava a descapitalização por não ter feito a reposição de estoques.

“Duvido — disse — que uma indústria venda seu produto embutindo no preço apenas o custo de produção, hoje. Na realidade, esse preço já compreende o custo da reposição do estoque para a fabricação de novos produtos.”

Paulinelli não concorda com a teoria de que o subsídio ao crédito rural é inflacionário, pois ele só tem como custo de produção menos de 15% desse crédito rural subsidiado. O restante é transferido para as indústrias e o comércio de insumos. Ele também considera apressada a análise de que o crédito subsidiado é injusto porque só atende 25% dos produtores rurais. Esta é, na sua opinião, a mesma relação entre a agricultura de mercado em comparação à de subsistência, que na maioria das vezes dele não depende e, “o que é pior, não é capaz de gerenciar o crédito como instrumento de produção”.

O ex-ministro da Agricultura advertiu o governo para o fato de que 88% das famílias brasileiras percebem menos de cinco salários mínimos e que quase 50% da renda são aplicados na alimentação. “Portanto — afirmou —, numa população consumidora com este perfil é temerário falar-se em preços de mercado ou elevação de preços para compensar custos de produção, especialmente financeiros.